

# SURDOCEGUEIRA E AS POSSIBILIDADES DE COMUNICAÇÃO EM MEIO A PANDEMIA DA COVID-19

■ ADRIANA BARROSO DE AZEVEDO

<https://orcid.org/0000-0002-7628-1801>

Universidade Metodista de São Paulo

■ ELAINE GOMES VILELA

<https://orcid.org/0000-0002-1452-2796>

Universidade Metodista de São Paulo

■ MARCOS HENRIQUE ASSUNÇÃO RAMOS

<https://orcid.org/0000-0001-7635-0240>

Universidade Federal do ABC

## RESUMO

No momento atual da pandemia por COVID-19, surgem questionamentos sobre a disseminação de informações a toda a população mundial. É nesse contexto que procuramos evidenciar possibilidades de comunicação para as pessoas com surdocegueira. Nosso objetivo é compreender como as informações sobre o COVID-19 têm chegado às pessoas surdocegas. A pergunta que norteia esta pesquisa é: como os guias-intérpretes têm atuado nesse período de pandemia para que a informação chegue de maneira adequada às pessoas surdocegas? Do ponto de vista teórico, tomamos como referência estudos realizados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (2020), na perspectiva da inclusão de pessoas surdocegas nos aportes de Vilela (2018), Carillo (2008), Galvão (2013) e Febrapils (2020). A metodologia baseia-se na investigação qualitativa com o uso da pesquisa narrativa autobiográfica sugerida por Clandinin e Connelly (2015). As narrativas evidenciam as possibilidades de comunicação frente à privação sensorial, articulando estratégias e evidenciando perspectivas de disseminação de informação de maneira segura e eficaz. Concluímos que essa tomada de consciência do outro é essencial para o fazer inclusivo de pessoas surdocegas sobretudo no momento atual da pandemia.

**Palavras-chave:** Surdocegueira. Comunicação. COVID-19. Distanciamento social.

## ABSTRACT **DEAFBLINDNESS AND THE POSSIBILITIES OF COMMUNICATION THROUGH OF OF COVID-19 PANDEMIC**

At the moment of the pandemic COVID-19, have a questions about the dissemination of information throughout the world population. In this context, which seek to highlight the communication possibilities for people with deafblindness. how information about COVID-19 has reached deafblind people. A question that guides this research: How guide-interpreters have been executed in this pandemic period to obtain information about the proper way for deafblind people? Make theoretical points of view, as examples of studies carried out by the World Health Organization (2020), in the perspective of including deafblind people in the countries of Vilela (2018), Carillo (2008), Galvão (2013) and Febrapils (2020). The methodology is based on qualitative research using the autobiographical narrative research suggested by Clandinin and Connely (2015). As narrative as the possibilities of communication in the face of sensory deprivation, articulating strategies and highlighting perspectives for disseminating information in a safe and effective way. We conclude that this awareness of the other is essential for the inclusion of deafblind people, especially in the current moment of pandemic.

**Key words:** Deafblindness. Communication. COVID-19. Social isolation.

## RESUMEN **SORDOCEGUERA Y LAS POSIBILIDADES DE COMUNICACIÓN ENTRE LA PANDEMIA COVID-19**

En el momento actual de la pandemia de COVID-19, surgen preguntas sobre la difusión de información a toda la población mundial. Es en este contexto que buscamos resaltar las posibilidades de comunicación para las personas con sordocegueira. Nuestro objetivo es comprender cómo la información sobre COVID-19 ha llegado a las personas sordociegas. La pregunta que guía esta investigación: ¿Cómo los guías-intérpretes han actuado en este período pandémico para que la información llegue a las personas sordociegas de manera adecuada? Desde un punto de vista teórico, tomamos como referencia los estudios realizados por la Organización Mundial de la Salud (2020), en la perspectiva de incluir a las personas sordociegas en las contribuciones de Vilela (2018) Carillo (2008), Galvão (2013) y Febrapils (2020). La metodología se basa en la investigación cualitativa utilizando la investigación narrativa autobiográfica sugerida por Clandinin y Connely (2015). Las narrativas muestran las posibilidades de comunicación frente a la privación sensorial, articulan estrategias y

resaltan las perspectivas para diseminar información de una manera segura y efectiva. Concluimos que esta conciencia del otro es esencial para la inclusión de las personas sordociegas, especialmente en el momento actual de la pandemia.

**Palabras clave:** Sordoceguera. Comunicación. COVID-19. Aislamiento social.

## Iniciando nossa conversa

Este artigo tem por objetivo principal evidenciar as possibilidades de comunicação de pessoas surdocegas em meio a pandemia por COVID-19. O coronavírus é denominado pelo agrupamento de vírus comuns em animais e que raramente é transmitido para seres humanos, porém, recentemente houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), este, disseminado e transmitido por seres humanos. (BRASIL, 2020).

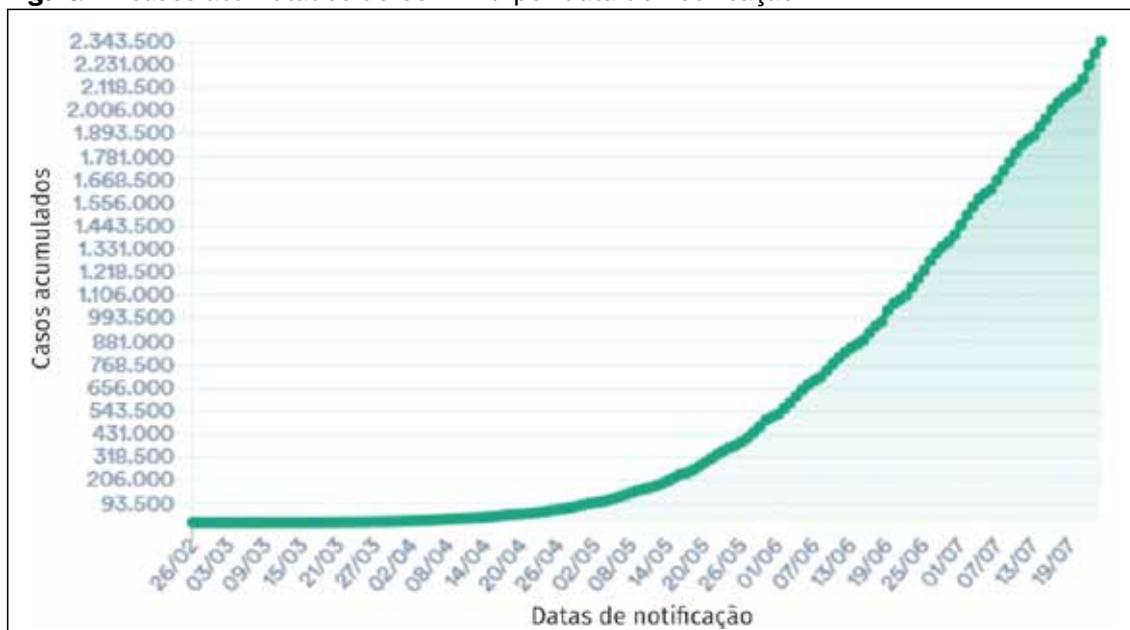
De acordo com o Ministério da Saúde, a COVID-19 é uma doença causada pelo novo coronavírus. O texto Brasil (2020) traz a seguinte definição:

A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. De acordo com a

Organização Mundial de Saúde, a maioria (cerca de 80%) dos pacientes com COVID-19 podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), e aproximadamente 20% dos casos detectados requer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória, dos quais aproximadamente 5% podem necessitar de suporte ventilatório. (BRASIL, 2020, p. 1)

Dentro dessa perspectiva, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi acionada sobre o alerta da epidemia do novo coronavírus na cidade de Wuhan, na China, que vem expandindo ao mundo até os dias atuais. Novos casos de pessoas infectadas pela COVID-19 vêm aumentando gradativamente desde o primeiro caso notificado no Brasil. Abaixo, informações desde o primeiro caso do novo coronavírus no Brasil, cinco meses após o primeiro caso.

**Figura 1** - Casos acumulados de COVID-19 por data de notificação



Fonte: Secretarias Estaduais de Saúde, Brasil, 2020.

Por meio desses dados, ações governamentais foram tomadas para conter a propagação do vírus. Dentre elas, o distanciamento social e o *lockdown* (em algumas regiões), o Conselho Nacional de Saúde (CNS), por meio da Recomendação nº 36, de 11 de maio de 2020 mensura:

Considerando que, para conter o avanço descontrolado do contágio do COVID-19, quando as medidas de distanciamento social não estão surtindo o efeito desejado, a fim de permitir que o Sistema de Saúde consiga se recuperar para absorver, da melhor maneira possível, a demanda, faz-se necessária a suspensão total de atividades não essenciais com restrição de circulação de pessoas, medida conhecida como 'lockdown' (CNS, 2020, p. 3).

A medida do *lockdown* foi adotada em regiões com altos níveis de contágio, nas demais regiões de controle adequado, foi recomendado o distanciamento social: O CNS (2020) ainda defende o distanciamento social como mencionado a seguir:

Considerando a Nota Pública, de 13 de abril de 2020, na qual o CNS defende a necessidade de manutenção do isolamento (ou distanciamento) social como método mais eficaz na prevenção à pandemia, conforme orientam a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) e a OMS para a preservação da vida da população brasileira; [...] (CNS, 2020, p. 1-2).

Sendo assim, o distanciamento social pretende conter a propagação do vírus com o intuito de prevenir as pessoas do contágio e evitar o colapso do sistema de saúde. Aquino (2020) menciona ainda as medidas relacionadas ao distanciamento social:

[...] envolvem medidas que têm como objetivo reduzir as interações em uma comunidade, que pode incluir pessoas infectadas, ainda não identificadas e, portanto, não isoladas. Como as doenças transmitidas por gotículas respiratórias exigem certa proximidade física para ocorrer o contágio, o distanciamento social permite

reduzir a transmissão. Exemplos de medidas que têm sido adotadas com essa finalidade incluem: o fechamento de escolas e locais de trabalho, a suspensão de alguns tipos de comércio e o cancelamento de eventos para evitar aglomeração de pessoas (AQUINO, 2020, p. 1).

Todas essas medidas fizeram com que muitas pessoas não saíssem de suas casas e evitassem aglomerações e, conseqüentemente, o contágio e colapso do sistema de saúde. Entretanto, esse distanciamento social prejudicou a chegada de informações para pessoas surdocegas, que se comunicam por meio da Língua de Sinais Tátil e não têm outros dispositivos para acesso à informação completa.

A recomendação para que não haja a disseminação do vírus traz a implicação do distanciamento social juntamente com a isenção de toque nas mãos, entre outros. Iremos ressaltar nessa perspectiva prejuízos emocionais, principalmente às pessoas surdocegas, visto que, o sentido sensorial principal utilizado para comunicação é a aproximação e o tato, seja por meio da comunicação da Libras Tátil, seja no rosto com a comunicação do Tadoma, seja a Fala Ampliada, com a aproximação perto do ouvido da pessoa surdocega, entre outras formas de comunicação que exigem aproximação e toque.

Todas as formas de comunicação exigem aproximação; fator esse, proibido nesse cenário de pandemia por COVID-19. Entretanto, este artigo irá ressaltar as possibilidades em meio a tantos desafios enfrentados pelas pessoas surdocegas. A pergunta que nos norteia é: como os guias-intérpretes têm atuado nesse período de pandemia para que a informação chegue de maneira adequada às pessoas surdocegas?

## Percurso metodológico

A metodologia utilizada neste artigo será a pesquisa qualitativa com enfoque na pesquisa

narrativa autobiográfica sugerida por Clandinin e Connelly (2015). Conta-se com a participação de guias-intérpretes na reflexão sobre suas percepções de atuação nesse período, e também relatos de pessoas surdocegas, proporcionado que tenham voz nesse momento tão complexo e desafiador provocado pela COVID-19.

A pesquisa se desenrola no período de março a julho de 2020 em dois contextos diferentes. Um dos contextos se desenvolve presencialmente antes da recomendação de distanciamento social pelo CNS. Essa narrativa emerge a partir do nosso relato de experiência como pesquisadores em contato com um surdocego congênito, ao qual tivemos o privilégio de atuar e propiciar o processo comunicativo e acesso à informação.

A atuação relacionada a esse contexto aconteceu em um ambiente onde havia um seminário ao qual o palestrante comunicava sobre os acontecimentos. Nesse cenário, fizemos a transposição das informações sobre a pandemia com os recursos que dispúnhamos, para que o surdocego tivesse um entendimento pleno da situação. O discurso do palestrante era transmitido na Língua Portuguesa oral e nós pesquisadores e guias-intérpretes fizemos a tradução para a Língua de Sinais Tátil. Refletimos sobre essa experiência e a relatamos em formato de narrativa aqui.

Inevitavelmente, pesquisadores narrativos experimentam esta tensão, pois a pesquisa narrativa é relacional. Eles devem tornar-se completamente envolvidos, devem 'apaixonar-se' por seus participantes, e devem também dar um passo para trás e olhar suas próprias histórias na pesquisa, as histórias dos participantes, assim como a mais ampla paisagem a qual todos eles vivenciam (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 121).

Esse engajamento na comunidade surdocega nos motiva e propulsiona a nos preocupar com essas pessoas especiais que fazem

parte da nossa vida numa relação proximal tanto profissional como pessoal nos movendo a buscar estratégias que favoreçam o entendimento e conseguinte segurança em meio à privação sensorial.

O outro contexto se desenrola no ambiente virtual a partir de uma entrevista em formato de *live* transmitida pelo YouTube no dia 27 de junho de 2020, em que um casal de pessoas surdocegas, juntamente com uma guia-intérprete, foi entrevistado e pode evidenciar sua experiência em meio ao cenário da pandemia. As narrativas contidas na entrevista foram transcritas posteriormente possibilitando os recortes que emolduram este artigo.

Nos dois contextos mencionados, foram solicitadas autorização das pessoas surdocegas para a propagação de suas narrativas. A resposta de todos foram positivas pelo fato de poderem compartilhar suas experiências de vida.

Para cientistas sociais, e conseqüentemente para nós, experiência é uma palavra-chave. [...]. Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela. Cabe dizer que o método narrativo é uma parte ou aspecto do fenômeno narrativo. Assim dizemos que o método narrativo é o fenômeno e também o método das ciências sociais (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 48).

As narrativas configuram-se como elemento primordial para entendimento da atividade humana, pois elas revelam nuances particulares de indivíduos que sentem e narram suas experiências emoldurando as perspectivas traçadas pela sociedade.

Compreender a vida e a experiência narrativa é a nossa pesquisa e nosso projeto de vida [...] confrontamo-nos no passado, no presente e no futuro [...] contamos histórias lem-

bradas de nós mesmos, sobre épocas antigas, assim como histórias atuais. Todas essas histórias fornecem roteiros possíveis para nossos futuros (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 56).

As pessoas surdocegas participantes desses relatos de experiência refletem sobre suas trajetórias em contextos de tempos passados, narram acontecimentos presentes e prospectam projetos futuros. Esses participantes contam suas experiências de vida e os impactos causados em seu cotidiano em decorrência da pandemia de COVID-19. Com eles, nós pesquisadores também podemos refletir sobre nossas trajetórias e atuação profissional.

## Conceituando a surdocegueira

A Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, utiliza o termo “pessoa surdocega” para mensurar as pessoas que possuem as perdas concomitantes de visão e audição (BRASIL, 2009).

Neste artigo utilizaremos o termo “pessoa surdocega” e, em alguns momentos, o termo “surdocego”, pois é dessa forma que os participantes desta pesquisa se identificam.

A condição de um indivíduo acometido de surdocegueira não está ligada às suas características estruturais. Pessoas surdocegas não são classificadas como pessoas com surdez que foram acometidas de cegueira. Embora envolva dois sentidos distintos, a surdocegueira é uma condição única, que é caracterizada pelo acesso às informações por meio de formas distintas de comunicação.

Hellen Keller, uma surdocega reconhecida mundialmente, estabeleceu a surdocegueira como condição única independente dos graus de perda sensorial. Esse fato se desenrolou no primeiro congresso mundial de surdocegueira no ano de 1977, no qual ela pronunciou a seguinte frase:

Uma pessoa é [surdocega] quando tem um grau de deficiência visual e auditiva grave que lhe ocasiona sérios problemas na comunicação e mobilidade. Uma pessoa surdocega necessita de ajudas específicas para superar essas dificuldades na vida diária e em atividades educativas, profissionais e comunitárias. Incluem-se neste grupo, não somente as pessoas que tem perda total destes sentidos, como também aquelas que possuem resíduos visuais e/ou auditivos, que devem ser estimulados para que sua ‘incapacidade’ seja a menor possível (HKWC, 2020, p. 1).

Reforçando essa teoria de heterogeneidade, veremos relatos de pessoas surdocegas consideradas pós-linguísticas. O dia 27 de junho é o Dia Internacional da Surdocegueira. Em comemoração a esse dia, o Instituto Sense, em parceria com a Umanoide Produtora Cultural, lançou o documentário *Sailing Sense: velejar pelos sentidos*<sup>1</sup>.

O filme foi apresentado pelo canal do YouTube com a entrevista ao vivo de um casal de pessoas surdocegas<sup>2</sup> (Entrevistados 1 e 2), os dois são líderes da comunidade Surdocega, com apoio da guia-intérprete, que evidenciaram suas percepções sobre suas trajetórias de vida e sobre o momento atual de pandemia por COVID-19.

Vejamos a percepção de uma surdocega adquirida que perdeu a audição e em seguida a visão pela Síndrome de Usher<sup>3</sup>. Resposta ao

1 Documentário *Sailing Sense: velejar pelos sentidos*. Disponível no link: <https://www.youtube.com/channel/UC91xLwC4jamZA9MOz792tmg>. Acesso em: 25 jul. 2020.

2 O filme foi apresentado via canal do YouTube com a entrevista ao vivo do casal de pessoas surdocegas pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=ZX-OjywE4Bbl&feature=youtu.be>. Acesso em: 25 jul. 2020.

3 É uma doença hereditária, caracterizada pela deficiência auditiva e perda progressiva da visão. Ela é considerada a principal causa de deficiência auditiva combinada com cegueira no mundo. A perda da visão se dá devido à Retinose Pigmentar (RP), uma doença degenerativa da retina que geralmente aparece na adolescência ou início da vida. Disponível em: < <https://www.sindromedeusherbrasil.com.br/sindrome-de-usher>>. Acesso em: 25 jul. de 2020.

perguntarem quando ela percebeu que estava ficando surdocega.

*Então, no meu caso eu percebi, quando eu era jovem. Não tão jovem? (Risos). Eu já estava começando a perder a audição depois meus familiares perceberam que eu estava perdendo a visão, assim, baixa visão, mas fui perdendo aos poucos. Levaram-me aos médicos e me disseram que eu ia perder a visão só depois, entre 40 e 50 anos. Então, eu comecei a perceber minha perda visual mesmo, a partir dos meus 11 a 12 anos, pois comecei esbarrar bastante, tropeçar, contudo eu não usava o termo 'surdocego', porque não tinha informações na época. Muito menos fui para uma escola de surdos. Logo, eu só descobri que eu era uma pessoa surdocega, quando eu entrei na área da surdocegueira mesmo. (Entrevistada 1)*

Nesse caso, podemos perceber que a surdocegueira não está vinculada à forma de comunicação e nem as causas que levaram àquele indivíduo a se perceber como pessoa surdocega. Vejamos outra narrativa de uma pessoa surdocega, também adquirida, com a mesma pergunta.

*Eu já me acostumei desde criança, jovem. Eu era surdo com baixa visão. Eu me acostumei a ver embaçado. Não fazia uma leitura com tranquilidade. Então eu descobri que era surdocego, quando era criança, jovem. Mas eu não pensava que eu era surdocego. Agora, eu entendi a surdocegueira, já estou acostumado há muitos anos. Estou bem tranquilo. (Entrevistado 2)*

Podemos perceber que ambos os entrevistados com a mesma condição de surdocegueira adquirida possuem vivências particulares e inerentes aos processos de experiência de vida.

Galvão e Miranda (2013) afirmam que o comprometimento das perdas também resultará em uma identificação de comunicação, de acordo com a preferência e entendimento.

No caso de pessoas surdocegas congênicas, Vilela (2018) considera que é a condição de um indivíduo acometido pela patologia antes da

aquisição de linguagem. Vejamos a seguir, o relato de uma pessoa surdocega, que nasceu surda devido a uma rubéola congênita e com um ano de idade começou o processo de perda de visão.

*Quando eu fiquei surdocego há muito tempo atrás, minha mãe, ela me puxava pela roupa. Ela tocava em mim. Ela me chamava 'Vem cá, vem cá comer comigo'. No passado, eu me sentia muito triste eu chorava muito pela questão de ser surdocego. Eu fiquei muito triste quando aconteceu tudo isso. Mas, agora não. Agora não fico mais triste. Agora estou feliz e vivo sempre sorrindo. Sempre de bem com a vida. (Entrevistado 3)*

Através dessas percepções, podemos identificar que a Comunidade Surdocega tem suas particularidades em cada caso, individualmente. Através das formas de comunicação de pessoas surdocegas, podemos analisar quais são os processos de percepção de mundo e como elas têm acesso às informações do mundo.

## Formas de comunicação

Atualmente no Brasil, segundo Ipólito e demais autores (2002), existem alguns tipos de comunicação que são mais recorrentes entre as pessoas surdocegas denominadas os pré-linguísticos e pós-linguísticos. O espanhol Daniel Reyes explicita sua contribuição sobre a importância da comunicação para pessoas surdocegas.

A comunicação é a chave para inserção social das pessoas surdocegas no ambiente sociocultural no qual vivem. Por esta razão, tudo o que estiver relacionado com a comunicação é objeto do maior interesse, por parte dos profissionais, das famílias e principalmente das próprias pessoas surdocegas, na busca de sistemas de comunicação eficazes (REYES, 2000, p. 1).

Nessa perspectiva, vamos evidenciar alguns tipos de comunicação. Os entrevistados (1 e 3) utilizam a Libras Tátil e o alfabeto dactilológico tátil, e a Entrevistada 2 utiliza o Ta-

doma e sobre sua forma de comunicação ela evidencia:

*Quando eu fiquei surdocega, eu não sabia língua de sinais, a Libras. Eu tentei tocar na boca da minha mãe mas, até então eu não sabia que chamava Tadoma através do tato eu conseguia compreender a articulação e a vibração de voz só que naquela época 28 anos atrás a minha mãe ficou muito preocupada como que a sociedade iria aceitar eu tocar na boca deles. Ninguém ia deixar porque se falava muito de AIDS muito sobre doenças, vírus e tudo mais. (Entrevistada 2)*

Essa narrativa é muito marcante e evidencia a preocupação da família em relação ao desconhecido, tanto das suas percepções quanto da percepção dos outros frente a esse desafio. Esse momento certamente se equipara com o momento atual de pandemia que estamos vivenciando. A desinformação tem gerado preconceito e despreparo das pessoas ante a realidade.

Ainda é importante ressaltar algumas formas de comunicação explicitadas por Vilela (2018), e suas particularidades:

**Quadro 1 – Tipos de comunicação e suas características**

TIPO DE COMUNICAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Alfabeto Manual Tátil ou Datilológico	O alfabeto datilológico como empréstimo linguístico do português, utilizado para a comunicação das pessoas com surdocegueira através do toque, utilizando as duas ou até mesmo uma mão.
Grafestesia	Escrita na palma da mão: a comunicação se dá pela escrita de uma mensagem utilizando-se geralmente o dedo indicador do emissor, que funciona como um “lápis” na palma da mão da pessoa surdocega para que ela perceba as letras por meio do tato. Em caso de sinalização, desenhar com o dedo para a ciência do receptor. Para a sinalização, a maioria dos movimentos são utilizados em caso de pergunta, quando é desenhado um ponto de interrogação na palma da mão. De preferência são usadas as letras na forma maiúsculas, pois estas têm traçados menos complexos.
Língua de Sinais em campo visual reduzido	Língua de Sinais realizada numa distância em campos visuais menores, para que a pessoa com baixa visão possa perceber os movimentos e compreender o que está sendo “falado”. Em alguns casos, são necessárias roupas específicas ou recursos como, luvas e iluminação, que destacam as mãos do guia-intérprete no discurso.
Língua de Sinais Tátil	Sistema que se utiliza da Língua de Sinais das pessoas surdas adaptada para ser realizada de forma tátil. A mão da pessoa surdocega ficará sobre a mão de quem “fala”. Verificamos essa comunicação no Entrevistado 1, pelas trajetórias construídas. É um indivíduo que estudou em escolas de surdos e se comunicava em Libras, antes da surdocegueira.

Método Tadoma	Incide na percepção, por meio da mão da pessoa surdocega, tocando a boca do guia-intérprete, maxilar e/ou a garganta da pessoa para serem perceptivas todas as formas de comunicação. Nos relatos da Entrevistada 2, identificamos essa comunicação.
Comunicação Social Háptica	Consiste em uma comunicação realizada por meio do toque, trazendo informações visuais em complemento com as informações auditivas transmitidas por outro guia-intérprete.

**Fonte:** elaborado pela autora.

É importante ressaltar que essas formas de comunicação são possíveis graças ao trabalho do profissional guia-intérprete que empresta seus ouvidos e olhos para trazer luz e voz para pessoas surdocegas.

## Atuação do profissional guia-intérprete

O guia-intérprete é um profissional que atua com pessoas surdocegas nas diversas formas de comunicação. Ele é capaz de articular as informações visuais e sonoras para que se tornem compreensíveis para elas. Nesse período de pandemia, em que o distanciamento social é recomendado, os guias-intérpretes têm passado por um processo de adaptação e cuidados rigorosos. A guia-intérprete entrevistada menciona essa nova realidade:

*Essa questão da pandemia é bastante complexa. Como eu também tenho filho surdo, também estou isolada como prevenção a ele. Eu consigo vir ajudar a [...] e o [...] porque eu não estou infectada e tenho me cuidado com relação à questão da higiene. Exemplo: eu não saio de casa, não tenho contato com ninguém na rua, mercado é feito por telefone, o pessoal deixa na garagem de casa depois eu recolho. Faço higienização em tudo, por isso que eu estou aqui com eles hoje. Mas, mesmo assim a gente se previne, então para eu vir para cá hoje foi uma maratona. Eu entrei na casa deles sem toque, trouxe roupa, chinelo, tive que deixar o chinelo na área de ser-*

*viço, e fui direto para o banho. Tomei um banho, troquei de roupa, estou usando essa máscara transparente porque quando a gente fala tem as gotículas. Essas gotículas mesmo a gente se precavendo, a gente não sabe o que pode acontecer; porque esse vírus é um vírus invisível, então é muito preocupante. É difícil essa relação porque vocês podem bem ver, a gente fica muito próximo. (Guia-intérprete entrevistada)*

A proximidade nessa profissão é inevitável, por isso o profissional precisa estar preparado e desprendido de si em benefício do outro.

No momento de sua atuação, o guia-intérprete deverá posicionar-se bem próximo do surdocego, quer em pé, quer sentado, e os movimentos realizados com as mãos (além de estarem umas sobre as outras) também serão próximos do corpo. Portanto, o profissional deverá ser desprendido o suficiente para não se incomodar com essa inevitável proximidade física durante o exercício do trabalho. Devido a esses fatores, a conduta do guia-intérprete deve ser de extremo profissionalismo (CARILLO, 2008, p. 41).

Essa profissão foi reconhecida pela Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010. Além da função de levar as informações visuais e auditivas, esse profissional também tem a função de guiar a pessoa surdocega e descrever os espaços que este frequenta:

O guia-intérprete é um profissional capacitado para realizar o trabalho de interpretação, descrição visual e funções de guia. Para exercer essas atividades é preciso ter conhecimento e

domínio nos diferentes sistemas de comunicação e nas diversas técnicas de locomoção, bem como ter habilidades para realizar as adaptações necessárias a cada surdocego em cada situação em particular (CARILLO, 2008, p. 70).

Dentro dessa perspectiva da atuação do guia-intérprete no tocante ao período de pandemia por COVID-19, a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores, Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils), uma entidade profissional autônoma que orienta e apoia os profissionais atuantes nas esferas de tradução e interpretação para Língua de Sinais e Português para a Comunidade Surda e Surdocega, tomou um posicionamento por meio de uma carta aberta.

Balizados nas notas de informes da Febrapils, em 18 de março de 2020, foi discorrida uma Carta Aberta pela Federação, sobre a atuação do guia-intérprete no contexto da pandemia da COVID-19. Esse documento está baseado nas recomendações da OMS, de órgãos nacionais como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e recomendações do Ministério da Saúde.

Em relação à guia-interpretação, recomenda-se uma atenção especial na higienização das mãos, sendo realizado sempre que possível com a pessoa com surdocegueira, guia-intérprete e apoio. A bengala utilizada por surdocegos também deve ser constantemente higienizada (FEBRAPILS, 2020, p. 2).

Através dessa recomendação, nós percebemos que são cuidados essenciais para atuação do guia-intérprete no momento da sinalização. O contato direto com as mãos da pessoa surdocega que utiliza a Libras Tátil é fundamental para compreensão dos sinais e entendimento dos discursos. Vale ressaltar, que a bengala utilizada pelas pessoas surdocegas devem ser higienizadas por eles próprios. A bengala é um instrumento considerado particular, não sendo permitido o toque de pessoas não auto-

rizadas. Veja outro item importante das recomendações:

Dependendo da forma de comunicação, recomendamos que tanto o guia-intérprete quanto a pessoa com surdocegueira, utilizem máscaras e luvas e que, se possível, evitem o toque no braço, antebraço e mãos da pessoa com surdocegueira, adotando outras estratégias de comunicação. [...] (FEBRAPILS, 2020, p. 2).

Na publicação da Carta Aberta, identificamos orientações importantes que resguardam o guia-intérprete na atuação. Mesmo com todas as recomendações necessárias, pensamos na desinformação de pessoas surdocegas e a necessidade de saberem mais sobre o novo coronavírus, visto que elas muitas vezes recebem informações mediadas pela família, que nem sempre são fluentes em Língua de Sinais ou outro tipo de comunicação que utilizam.

*Então fiquei bem assustada e demorei um pouco para voltar ao normal. Tive que ir para a casa da minha mãe porque eu estava muito assustada, pois eu achava que era uma coisa bem grave. Tudo bem, é grave, a gente tem que se cuidar, tem que se precaver, mas mesmo assim me preocupo como as informações estão chegando nas casas das pessoas com surdocegueira quando a mãe, a família, o amigo, não sabem se comunicar com eles? Como que está chegando? (Entrevistada 2)*

Essas percepções trazidas pela surdocega por meio dessa narrativa nos revela a preocupação na forma em que as informações estão sendo trazidas para essa população.

Por meio dos relatos trazidos nas narrativas, veremos as perspectivas das pessoas surdocegas entrevistadas, avaliando as possibilidades de comunicação e exteriorizando como as notícias sobre o novo coronavírus chegaram até eles. Sabemos que ainda existem muitas pessoas surdocegas que não estão inclusas na sociedade. Estão sem acessibilidade a notícias e mídias sociais.

## Possibilidades em meio à privação

A nossa percepção quanto ao novo normal que estamos vivenciando carrega algumas possibilidades evidenciadas pelas próprias pessoas surdocegas quando refletem sobre a atual conjuntura.

Tais oportunidades se abrem para a vida, para o trabalho e para o bem-estar de todos. As pessoas entrevistadas analisam o passado e prospectam o futuro no tempo presente. O Entrevistado 1 lembra com alegria da primeira vez que velejou:

*Eu aprendi a velejar, mas estava muito frio, a água estava muito fria não consegui nadar. Estava muito gelada a água, pois era inverno! Mas, foi maravilhoso quando eu aprendi a velejar, a mexer na corda na vela, um veleiro grande, foi maravilhoso foi muito bom, muito bom, foi ótimo. (Entrevistado 1)*

Essa narrativa evidencia possibilidades em meio à isenção sensorial de visão e audição, evidenciando os desafios transpostos por esse surdocego. E sobre o velejar, sua esposa ressalta que deseja velejar também assim que acabar a pandemia. O relato a seguir mostra a reflexão da notícia sobre a pandemia.

*Eu e a [...] temos uma família, e amigos e guias-intérpretes. Quando começou a pandemia, eu e a [...] estávamos calmos tranquilos aqui, só que a família estava muito preocupada, era melhor ficar na casa da mãe da família da [...]. Nós ficamos por algum tempo. Contamos com a ajuda de alguns amigos, guias-intérpretes, para ir ao mercado, ao médico, não foi tão difícil. Eu acredito no guia-intérprete, ele também cuida da saúde. Mas agora eu vou ficar aqui no apartamento. Tem dificuldade? Tem. Sem a ajuda da família tem que saber separar. (Entrevistado 1)*

Já a Entrevistada 2 fala dos impactos e novas posturas necessárias ante a nova realidade da pandemia:

*Então, foi uma experiência grande para todos nós, pois a gente tinha que ir de máscara, tinha que ir de luva. É assustador. Mas, agora nossa vida é assim. Eu penso particularmente que agora a gente não tem mais uma vida normal, a gente tem que readaptar nossa vida, certo?! Porque a gente não pode mais pegar na mão, não pode dar abraço, não pode dar beijo. Para nós surdocegos, essa situação é complicada, principalmente como vocês estão vendo o [...] está usando Libras Tátil e eu uso Tadoma, mas nem todo mundo aceita esse toque, porque tem medo. Não tem segurança de estar com esse contato maior. Então para nós está sendo muito difícil aceitar, muito difícil mesmo, acreditar no que tá acontecendo. (Entrevistada 2)*

Os recursos de tecnologia assistiva auxiliaram de maneira positiva o recebimento das informações para o surdocego que possui acesso a esses recursos. Entretanto, sabemos que essa não é a realidade de muitas pessoas surdocegas, portanto, carecendo de outras estratégias para comunicação e recepção de informações.

*No meu caso, no começo da pandemia foi um susto muito grande porque eu achava que não era uma coisa muito grave quando começou. Então, o que aconteceu? As informações chegavam para nós só que chegava de uma forma negativa nós não sabíamos como que íamos fazer. O [...] recebia as informações através da linha Braille e eu pegava alguma coisa do rádio, da TV. Alguns amigos me mandavam algumas coisas pelo WhatsApp, mas não é mesma coisa que você estar ali com o guia-intérprete. Um nos ofereceu ajuda para comprar alguma coisa se precisasse, eu aceitei, mas pensava que não ia ter tantas mudanças para nós. Quando o guia-intérprete chegou aqui de luva e de máscara, eu tomei um susto muito grande porque eu não esperava isso. Foi uma mudança muito brusca não só para mim, mas com certeza para todas as pessoas com surdocegueira. (Entrevistada 2)*

Nesse contexto, imaginamos as pessoas com surdocegueira que não tem contato com pessoas que saibam comunicar-se com elas.

Os desafios enfrentados são muito maiores por não terem acesso às informações.

Nessa perspectiva, relatamos a nossa experiência em contar para o nosso amigo um surdocego congênito esses acontecimentos e as estratégias que utilizamos para evidenciar as informações.

## Nossa experiência como pesquisadores e profissionais

Tivemos uma experiência bem marcante em relação ao anúncio da pandemia para nosso amigo surdocego. Estávamos em uma reunião pública onde estava sendo transmitidas algumas recomendações para combater a disseminação do novo coronavírus. Nesse cenário, estávamos, o guia-intérprete de Libras Tátil, a pessoa com surdocegueira e o comunicador háptico.

O locutor dizia enfaticamente: precisamos manter distância um dos outros, não podemos abraçar e nem beijar no rosto e não podemos nos cumprimentar com as mãos, não podemos tocar nas pessoas e nos objetos, pois podem estar contaminados.

Nós traduzíamos o discurso em sua lateralidade e sem consciência do que estávamos falando, passávamos em nossas mãos álcool em gel de 5 em 5 minutos e não refletíamos sobre aquele discurso e sobre o público ao qual estávamos atendendo.

No decorrer do discurso, eu, que estava como comunicadora háptica, tive um *insight*. Naquele momento, coloquei-me no processo de empatia no lugar da pessoa surdocega e pensei: “Sem toque, sem existência de mundo para mim, sozinho, sem luz e som e sem relação com o outro”. “Tocando a pele, toca-se o sujeito no sentido próprio e figurado. A pele é duplamente órgão de contato: se ela condiciona a tatilidade, ela igualmente mede a qualidade de relação com os outros” (LE BRETON, 2016, p. 238). Nesse momento, dialoguei com

meu companheiro de interpretação e também pesquisador: Pesquisadora 1: “*Não podemos dizer isso a ele, estamos tirando tudo que ele tem. Ele reconhece e pertence ao mundo por meio do toque*”. Pesquisador 2: “*É verdade!!! Como podemos fazer então?*” Pesquisadora 1: “*Vamos fazer do jeito certo!*”.

Nesse momento, fui até uma sala ao lado onde havia aula para crianças e peguei um globo terrestre. Esperamos que ele tateasse esse globo para, após isso, explicarmos para ele o que estava acontecendo.

Sendo assim, mostramos no globo onde estava o país da China e fomos sinalizando numa interpretação conjunta em suas mãos todo o processo de disseminação do vírus pelo planeta.

Ao final, reforçamos para ele que o momento carece de cuidados redobrados ao evitar aglomerações e toque constantes. Falamos para ele que o toque precisava ser somente o necessário, na perspectiva de coexistir.

Vimos no semblante do surdocego um certo alívio e sentimos ambos um alívio também. Não podíamos extrair o mundo dele, não seria justo. A nossa função é trazer informação sobre o mundo e não tirar o mundo dele. Ele precisa sentir para existir.

O corpo é profusão do sensível. Ele é incluído no movimento das coisas e se mistura a elas com todos os sentidos. Entre a carne do humano e a carne do mundo, nenhuma ruptura, mas uma continuidade sensorial sempre presente. O indivíduo só toma consciência de si através do sentir, ele experimenta a sua existência pelas ressonâncias sensoriais e perceptivas que não cessam de atravessá-lo (LE BRETON, 2016, p. 11).

Nessa perspectiva, o tato o insere no mundo, a consciência é percebida por meio do toque. Ao final do discurso, chamei o locutor daquela reunião e disse: essas recomendações não se aplicam para ele e o locutor concordou comigo.

Nesse tempo de incertezas em meio à pandemia de COVID-19, temos o frescor de esperança trazido nessa narrativa da surdocega Entrevistada 2:

*[...] só o tempo que vai dizer para nós o que vai acontecer, a gente espera que tenha cura para a COVID-19. A gente voltar a ter uma vidinha normal, com nosso trabalho, com os nossos alunos, nossos parceiros, nossas aventuras, então assim só o tempo que vai falar para nós o que vai ser para 2021. Espero que haja muitas coisas boas para todos nós, não só para as pessoas com surdocegueira, mas para todos nós, para humanidade. Foi uma grande surpresa o que aconteceu, mas teremos surpresas maravilhosas para 2021 só com o tempo a gente vai saber o que vai acontecer. (Entrevistada 2)*

Este é o nosso desejo, que realmente surja uma vacina que possa ser aplicada em toda a população trazendo segurança e suprimindo o medo causado pelo novo coronavírus.

## Considerações finais

Buscamos refletir neste artigo as relações do momento presente, de pandemia e larga disseminação de um vírus tão poderoso, frente aos desafios comunicacionais e existenciais da comunidade de pessoas surdocegas, chamando atenção dos leitores para as especificidades delas, que carecem enormemente do tato e da proximidade de guias-intérpretes para a garantia da comunicação e, por consequência, para auxílio a sua sobrevivência.

O uso das narrativas de pessoas surdocegas e dos pesquisadores, nesse cenário vivido, explícita de forma marcante as suas experiências. Bruner (2014, p. 94) afirma que narrar a si mesmo “é algo que acontece tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora” e continua defendendo que:

Construir-se através do narrar-se é um processo incessante e eterno, talvez mais do que nunca. É um processo dialético, é um número de

equilibrista. E apesar das resolutas homiliadas de que as pessoas nunca mudam, elas mudam sim. Elas reequilibram a sua autonomia e os seus compromissos, de forma a honrar aquilo que foram um dia (BRUNER, 2014, p. 95).

Clandinin e Connelly (2015, p. 73) ressaltam que essa capacidade da pesquisa narrativa de transmitir significados é porque seu processo de produção “requer uma reconstrução da experiência de uma pessoa [ou de pessoas] em relação aos outros e ao ambiente social” em que está inserida. O pesquisador, ao narrar os fatos por meio da percepção do sujeito em relação a ele próprio e aos outros no contexto investigado, integrando a essa narrativa interpretação própria à luz da teoria assumida, produz uma nova narrativa, uma nova percepção, um novo sentido.

É nessa esperança que fechamos esse artigo, não finalizando o assunto, mas oferecendo a oportunidade ao leitor para refletir, perceber, sentir e colocar-se na posição do outro, compreendendo as limitações, dificuldades, mas também as possibilidades das pessoas surdocegas frente ao momento atual de pandemia por COVID-19.

## Referências

- AQUINO, Estela ML et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil.** *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, p. 2423-2446, 2020. Disponível em <https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/>. Acesso em: 21 dez. 2020.
- BRASIL. Decreto nº 6949. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 ago. 2009. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/Decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Decreto/d6949.htm). Acesso em: 21 dez. 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é a COVID-19?** Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível

em:<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 21 dez. 2020.

CARILLO, Elenir Ferreira Porto. **Análise das entrevistas de quatro surdocegos adquiridos sobre a importância do guia-intérprete no processo de comunicação e mobilidade**. 2008. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1709>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2ª ed, 2015.

CNS. Conselho Nacional De Saúde (BR). **Recomendação Nº 036, de 11 de maio de 2020** [Internet]. Brasília: Conselho Nacional de Saúde; 2020 Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/Recomendacoes/2020/Reco036.pdf>. Acesso em 21 dez. 2020.

COVID-19, Portal do. **Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso: em 24 jul. 2020.

FEBRAPILS, Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais. **Carta Aberta**. 18 de março de 2020, Brasil. Disponível em: <http://blog.febrapils.org.br/carta-aberta-com-recomendacoes-aos-tils-e-gis->

[sobre-covid-19-o-novo-coronavirusrta/](#). Acesso em: 25 jul. 2020.

GALVÃO, Nelma de Cássia Silva Sandes; MIRANDA, Therezinha Guimarães. **Atendimento educacional especializado para alunos com surdocegueira: um estudo de caso no espaço da escola regular**. Revista Brasileira de Educação Especial, Marília, v. 19, n. 1, p. 43-60, jan./mar. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382013000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382013000100004). Acesso em: 25 jul. 2020.

HKWC. Helen Keller World Conferences. **WFDB**. Disponível em: <http://www.wfdb.eu/es/helen-keller-world-conference>. Acesso em: 10 maio 2020.

IPÓLITO, C., ROSA, D., GIACOMINI, L., SERPA, X., MAIA, S. R. **Surdocego pós-linguístico**. São Paulo: Liotti Del Arco Design Editorial. (Serie Surdocegueira e Múltipla Deficiência Sensorial), 2002.

LE BRETON, D. **Antropologia dos Sentidos**. São Paulo: Vozes, 2016.

VILELA, Elaine Gomes. **Surdocegos e os Desafios nos Processos Socioeducativos: os mediadores e a Tecnologia Assistiva**. 2018. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1810/2/Elaine%20Gomes%20Vilela.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Recebido em: 30/07/2020

Revisado em: 18/12/2020

Aprovado em: 22/12/2020

**Adriana Barroso de Azevedo** é Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Umesp. Foi Pró-Reitora de Educação a Distância da Umesp. Coordena o grupo de pesquisas Formação docente e uso de Tecnologias digitais de informação e comunicação, vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). *E-mail:* [adriana.azevedo@metodista.br](mailto:adriana.azevedo@metodista.br)

**Elaine Vilela** é Doutoranda em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), mestre em Educação pela Umesp. Guia-intérprete pela Associação Educacional para Múltipla Deficiência (AHIMSA). Professora da Unisantanna e Uninove. Coordenadora do curso de Pós-Graduação em Libras. *E-mail:* [nanevilela@hotmail.com](mailto:nanevilela@hotmail.com)

**Marcos Henrique Assunção Ramos** é Mestrando em Ensino e História das Ciências e da Matemática na Universidade Federal do ABC (UFABC). Pós-graduado em Educação Especial com ênfase em Deficiência Auditiva na Faculdade Educacional da Lapa (FAEL), Unidade São Mateus (2020) e pós-graduando em Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Universidade Anhembi Morumbi. Proficiência em Tradução-Interpretação de Libras/Português pelo Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais (PROLIBRAS) do Ministério da Educação (MEC) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e formação de guia-intérprete na Associação Educacional para Múltipla Deficiência (AHIMSA). Atua como tradutor/intérprete de Libras-Português na UFABC e professor interlocutor de Libras no estado de São Paulo. Colaborador de pesquisas no Grupo de Pesquisas em Tendências na Educação Matemática (GPTEMa), Grupo de Pesquisa em Educação Especial e Inclusiva (GPEEI) e Surdos e Libras (SueLi). *E-mail:* [mcs.assuncao@gmail.com](mailto:mcs.assuncao@gmail.com)